

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

SOBRE O NEGACIONISMO DA COVID-19 E NECROPOLÍTICA NO BRASIL

Camila Fernanda Faria Melo Coelho de Carvalho, Luiz Carlos Andrade de Aquino, Maurício Martins Alves.

Universidade do Vale do Paraíba – Faculdade de Direito, Praça Cândido Dias Castejón, 116, Centro - 12245-720 - São José dos Campos-SP, Brasil, camicarvalh@gmail.com; aquino@univap.br; mmalves@univap.br.

Resumo

O presente artigo propõe-se a analisar o negacionismo da Covid-19 no Brasil e relacioná-lo à necropolítica. O objetivo deste estudo é sugerir a presença da lógica necropolítica no negacionismo da Covid-19, observado essencialmente em condutas do ex-presidente da República durante a pandemia, que contribuíram para o elevado número de mortes e adoecimentos no Brasil. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, análise de artigos científicos e notícias veiculadas na internet. Como resultado, verificou-se que o viés negacionista do ex-presidente da República prejudicou a imunização do país e impactou desigualmente a população. Diante desses contrapontos, concluiu-se que o negacionismo da Covid-19 no Brasil, pode ser relacionado à lógica da necropolítica, conceituada pelo teórico-filósofo Achille Mbembe.

Palavras-chave: Brasil. Covid-19. Necropolítica. Negacionismo. Pandemia.

Área do Conhecimento: Ciências Jurídicas. Visão Integrada do Direito.

Introdução

O objetivo deste estudo é sugerir a presença da necropolítica no enfrentamento dos desafios causados pela pandemia, analisando aspectos do discurso do ex-presidente da República durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, e seu viés negacionista nele presente.

A ideia de necropolítica foi apresentada pela primeira vez em 2003 em um ensaio do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe, posteriormente transformado em livro publicado no ano de 2018. Basicamente, o conceito de necropolítica refere-se a políticas governamentais com escopo de comandar o extermínio de determinados grupos de pessoas, determinando os segmentos da sociedade que devem morrer ou viver. Ou seja, para Mbembe todas as ações ou omissões tomadas pelo uso de poder, tanto político quanto social, especialmente pelo Estado, nos quais criam condições de risco e precariedade que acarretam a morte de segmentos da sociedade, principalmente quando se trata daqueles inseridos em um contexto de exclusão, violência e desigualdade por exemplo, configura-se como necropolítica (NECROPOLÍTICA, 2023).

No contexto da pandemia da Covid-19, observa-se o pronunciamento oficial do ex-presidente da República minimizando a gravidade da pandemia e o atraso da imunização como condutas negacionistas que contribuíram para o elevado número de mortes e adoecimentos, podendo ser analisado a partir da lógica necropolítica.

Conclui-se que na pandemia da Covid-19, impactos prejudiciais foram gerados no Brasil, especialmente pelo negacionismo propagado pelo ex-presidente. Além dos problemas relacionados à saúde pública, o país enfrentou desafios políticos e sociais. Nesse contexto, o artigo sugere a presença da necropolítica no viés negacionista do ex-presidente da República no enfrentamento da Covid-19 no Brasil.

Metodologia

A metodologia da pesquisa foi baseada na análise crítica de artigos científicos, dados e informações coletadas por meio de revisão bibliográfica. A análise de dados será realizada por meio de técnicas de interpretação qualitativa e quantitativa. Serão consultadas fontes acadêmicas e jornalísticas sobre a situação da Covid-19 no Brasil e a necropolítica.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Resultados

Em dezembro de 2019 ocorreu uma morte inesperada na China. Em 7 de janeiro de 2020, confirmou-se a existência de um novo vírus responsável por inúmeras mortes. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde reconheceu o estado de pandemia (HISTÓRICO, 2023). De repente, o mundo encontrou-se em colapso. O novo vírus causador da Covid-19 espalhou-se subitamente, tornando-se o principal problema a ser enfrentado pelos governantes. Portanto, era iminente a necessidade do desenvolvimento de uma vacina e da condução rápida de medidas eficazes para conter os efeitos da pandemia.

No Brasil, o primeiro caso da Covid-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 (HISTÓRICO, 2023). Em 6 de março de 2020, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, realizou seu primeiro pronunciamento oficial acerca da pandemia da Covid-19. Nele, afirmou que “seguir rigorosamente às recomendações dos especialistas [era] a melhor medida de prevenção” (CASTRO, 2021) e apoiou as rígidas orientações da OMS (Organização Mundial de Saúde) sobre medidas de vigilância acerca do uso de máscaras, contínua higienização das mãos e distanciamento social. Através deste primeiro depoimento do ex-presidente da República, as recomendações sanitárias foram amplamente adotadas pela população (CASTRO, 2021).

Entretanto, a partir de seu terceiro pronunciamento oficial, em 24 de março de 2020 (CASTRO, 2021), ainda no início do contexto pandêmico, Jair Bolsonaro mudou bruscamente sua postura em relação ao enfrentamento da crise sanitária. À luz do artigo “Negacionismo Científico: análise da repercussão no Twitter acerca da vacina do COVID-19”, vê-se que

Logo no início da crise sanitária, o Presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido), minimizou os efeitos da pandemia e erigiu um discurso negacionista, em que defendeu um distanciamento social mais relaxado e elegeu possíveis métodos curativos como forma de dar conotação positiva à sua narrativa. Em 24 de março de 2020, no pronunciamento feito em cadeia de rádio e televisão, Bolsonaro usou expressões como “resfriadinho” e “gripezinha”, falou sobre a possível eficácia da cloroquina e insinuou que a gravidade da pandemia na Itália tinha a ver com a diferença climática daquele país para com o Brasil (FERNANDES, 2021).

Em “resfriadinho” e “gripezinha”, é possível analisar aspecto negacionista em relação à gravidade da Covid-19. Desse modo, o negacionismo teve continuidade em condutas do ex-presidente e refletiram no combate à pandemia no Brasil, gerando “uma profunda desarticulação de políticas de saúde e assistência” (CASTRO, 2021) e

[...] encontrou ressonância em grande parte da população. Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) organizaram manifestações em várias cidades do país. As aglomerações contrariavam as recomendações de distanciamento social. O próprio presidente foi visto constantemente sem o uso da máscara, que também era uma recomendação dos cientistas, médicos e autoridades sanitárias. Os encontros tiveram forte repercussão nas redes sociais do mandatário, sendo incentivados por ele sem qualquer tipo de reprimenda ou orientação (FERNANDES, 2021).

A partir dessa ação política, é possível sugerir que a conduta negacionista propagada essencialmente pelo ex-presidente repercutiu na população, principalmente pelos seus apoiadores.

Não obstante, o negacionismo afetou o combate à pandemia, sobretudo no atraso da imunização pela vacina da Covid-19, haja visto em dezembro de 2020 “enquanto mais de 40 países já haviam iniciado a vacinação contra Covid-19, o Brasil se encontrava perdido em disputas políticas e sem perspectivas de uma provável data para o início da vacinação” (SILVA, 2022). A vacinação no Brasil contra a Covid-19 teve início somente em 17 de janeiro de 2021, um mês depois em relação a primeira vacinação no mundo, que ocorreu em 8 de dezembro de 2020 (LINHA..., 2023).

Segundo Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan, responsável pelo desenvolvimento da vacina nacional, “[...] em razão dos testes no Brasil, iniciados em julho de 2020, o país poderia ter sido o primeiro do mundo a começar a vacinação se não fossem os entraves nos contratos com o Ministério da Saúde”, afirmação dada em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, CPI da Covid, a

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

respeito da rejeição do Governo Federal pelas ofertas de vacina contra a Covid-19 no ápice da pandemia (COHN, 2021).

Assim, a imunização através da vacina contra a Covid-19 configura-se como um direito fundamental coletivo, com bases científicas e que o Chefe de Estado, diante da declaração de pandemia, não se pautou pelas ações voltadas aos cuidados primários e à promoção da saúde, descumprindo direito humano consagrado em instrumentos internacionais que o Brasil ratificou e introduziu no seu ordenamento jurídico. (COHN, 2021).

À vista disto, pode-se propor que o reflexo do negacionismo, percebido essencialmente no “desestímulo à vacinação dado pelo presidente Bolsonaro, que tem enfatizado a vacinação como questão de escolha individual e ventilado teses conspiratórias sobre efeitos adversos associados às vacinas” (CASTRO, 2021), impactou de forma significativa na celeridade da imunização pela vacina da Covid-19 no Brasil e prejudicou a contenção de mortes e a erradicação do vírus.

Dessarte, o atraso da vacinação no Brasil, corroborado pelo negacionismo da Covid-19 propagado principalmente pelo ex-presidente, pode ser visto como reforço para o disparo do número de mortes e infectados no país. Conforme constatado em 15 de novembro de 2020, o Brasil atingiu o recorde mundial de 165 mil mortes e aproximadamente 500 milhões de casos no país (LINHA..., 2023). Além disso, um segundo aspecto importante a ser analisado é a desigualdade dos impactos dos dados no número de mortes e infectados no país.

Segundo dados do Ministério da Saúde, com registros feitos até 22 de agosto de 2020, somando-se pretos e pardos, temos 46.436 mortes de pessoas negras pela Covid-19, enquanto brancos totalizam 33.531 mortes (Brasil, 2020b).5 [...] A disparidade racial mostra-se, entretanto, mais flagrante quando observados dados indiretos do impacto da pandemia sobre brancos e negros. [...] Análises sobre as razões para que a Covid-19 venha se mostrando mais letal para negros e negras apontam não só atitudes negacionistas do governo, mas, principalmente, os impactos do racismo na saúde (CASTRO, 2021).

Logo, vê-se no contexto da Covid-19 no Brasil que os impactos prejudiciais das ações negacionistas “foram desigualmente distribuídos, tanto em seu alcance quanto em sua intensidade” (CASTRO, 2021). Ademais, pode-se analisar que a desigualdade presente na estatística de mortes na pandemia, assemelha-se à desigualdade na estrutura social brasileira. Haja visto que os segmentos de maior vulnerabilidade financeira, sanitária e alimentar consistem majoritariamente por pessoas pretas, “razões para que a Covid-19 venha se mostrando mais letal para negros e negras apontam não só atitudes negacionistas do governo, mas, principalmente, os impactos do racismo na saúde” (CASTRO, 2021).

A partir dos dados observados no presente estudo, sugere-se a presença de necropolítica na conduta do ex-presidente da República, em relação ao negacionismo da Covid-19 durante a pandemia no Brasil. Sabe-se que política é o mecanismo pelo qual se exerce poder e se orienta o coletivo, é a arte de governar. Já na etimologia, tem-se que o elemento *necro*, radical grego originário de *nekros*, exprime a noção de morte ou cadáver. (NECROPOLÍTICA, 2023). O filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês Achille Mbembe, concebeu o termo em seu ensaio “Necropolítica”, com a junção dos sentidos desses dois elementos linguísticos para exprimir a ideia de política de morte, como vê-se em “[...] as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” (MBEMBE, 2018). A necropolítica à luz do teórico-filósofo Mbembe, baseia-se na concepção de que os sacrifícios são inerentes da sociedade e legitimam-se pela lógica que alguns valem mais do que outros, “é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também” (NECROPOLÍTICA, 2023). A partir da elucidação do conceito de necropolítica, vê-se que

O trabalho de Bolsonaro e a sua não-vacina como programa de governo (incapaz de operar a imunização do povo) é a síntese mais exata do que o filósofo Achille Mbembe chama de Necropolítica. Isto é, a partir da semântica do biopoder, das necessidades humanas mais emergentes em colisão com o

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

controle hegemônico do poder decisório, do enviesamento da soberania, da violência (físico, mental, psicológica) como ferramenta de governança, Bolsonaro impõe seu domínio político – pela/para a esteira da morte àqueles que são “descartáveis” (LIMA, 2023).

Portanto, o impacto da pandemia da Covid-19 na saúde pública do Brasil, gerou desafios políticos e sociais, enfrentados pelo ex-presidente da República por um viés negacionista no qual evidencia a presença da lógica necropolítica.

Discussão

A partir do exposto acima, traz-se a óptica da necropolítica. Fazendo uma analogia, a necropolítica será a lente na qual analisará a política perpetuada sob o negacionismo da vacina da Covid-19 no Brasil e a partir dessa lógica, viabilizar-se-á criticar construtivamente as estruturas de poder que em contextos específicos (emergenciais, estados de exceção, sítio e pandêmico), culminam em desigualdade e injustiça.

De início, como explicado anteriormente, a necropolítica é o conceito de política geradora de morte, direta ou indireta, negligente ou imprudente, de ações ou omissões aplicadas a contextos de sistemáticas desigualdades políticas e sociais, na qual exige uma cuidadosa análise para evitar generalizações e recair-se em simplicidade.

Consoante a obra de Achille Mbembe (2018), pode-se identificar um “padrão” em que a necropolítica manifesta-se ao longo da história. O teórico-filósofo explana que sociedades previamente divididas com “subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros” esculpe uma relação de inimizade. Sendo esta, garantidora da *soberania* na qual se “expressa predominantemente como o direito de matar” em circunstâncias particulares, nas quais ele julga como *estados de exceção*, como vê-se em:

A característica mais original dessa formação de terror é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio. A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento. De fato, é sobretudo nesses casos que a seleção de raças, a proibição de casamentos mistos, a esterilização forçada e até mesmo o extermínio dos povos vencidos foram inicialmente testados no mundo colonial (MBEMBE, 2018).

Os campos de concentração e extermínio nazistas, são citados na obra do teórico-filósofo como exemplo de necropolítica, por meio dos preconceitos plantados na população alemã dentro do específico contexto de pós-guerra e extrema pobreza, no qual possibilitou a *soberania* do nazismo e a propagação das ideologias de Hitler. Assim, acarretando “uma série de mecanismos que já existiam nas formações sociais e políticas da Europa ocidental (subjugação do corpo, regulamentações de saúde, darwinismo social, eugenia, teorias médico-legais sobre hereditariedade, degeneração e raça)” (MBEMBE, 2018).

Mecanismos estes, vindos desde a época da escravidão. O teórico-filósofo, compara paradoxalmente um escravo à lógica necropolítica, em que o escravo é fadado a diminuir-se a condição de “coisa”, a ter um preço e sua condição compara-se ao *estado de exceção*:

[...] a condição de escravo produz uma contradição entre a liberdade de propriedade e a liberdade da pessoa. Uma relação desigual é estabelecida junto com a desigualdade do poder sobre a vida. Esse poder sobre a vida do outro assume a forma de comércio: a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu dominador (MBEMBE, 2018).

No Brasil, a necropolítica está estreitamente relacionada ao racismo em sua estrutura social, haja vista que antes mesmo de um estado pandêmico, a população preta já sofria marginalização. Portanto, a lógica necropolítica “funciona” em um contexto emergencial pelo fato de já existir essa divisão da população em grupos, tornando “coerente” desumanizar e justificar quem deve viver e quem deve morrer. Conforme elucida Bontempo (2020), em seu artigo “Achille Mbembe: A noção de necropolítica”:

No Brasil, essa discussão da necropolítica está diretamente associada ao racismo, assim como à ideia de que existe o amigo e o inimigo, o bem e o mal, os quais se apresentam a partir da lógica do poder no neoliberalismo. O

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

fato é que as populações na periferia brasileira são alvos de grande violência, gerando um verdadeiro genocídio à luz do dia. A guerra às drogas, a maneira como a segurança pública se desenvolve ou a morte dos negros, na periferia, são apenas alguns exemplos que ilustram essa política da morte, a qual busca eliminar todos aqueles que são descartados pelo sistema capitalista. O desafio hoje é impedir essa realidade da necropolítica, visto que o Estado não pode continuar determinando quem vai morrer e como vai morrer (BONTEMPO, 2020).

Portanto, “a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte” (2018, p.127), em que o viés negacionista propagado pelo ex-presidente da República gerou impactos prejudiciais, principalmente no maior número de mortes da população preta e pode ser visto como uma necropolítica legitimada pelo racismo estrutural da população brasileira.

A partir disso, fica mais claro relacionar o negacionismo da vacina da Covid-19, responsável pelo atraso vacinal, à necropolítica. Devido às negociações e escândalos políticos, o atraso vacinal foi de extrema prejudicialidade para a população. Principalmente, para a parcela populacional desprovida e carente de recursos, que mais necessitava das vacinas e da proteção governamental, a população periférica, os conglomerados das comunidades e aqueles em maior grau de pobreza, que estatisticamente compõem em sua maioria pessoas pretas. Portanto, o conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe aproximadamente três anos antes da pandemia da COVID-19, conjecturou a execução política brasileira e suas consequências empíricas, dentro de um *estado de exceção*.

Prosseguindo à luz do teórico-filósofo Mbembe (2018, p.127), que afirma que “o *estado de exceção* e a *relação de inimizade* tornaram-se a base normativa do direito de matar”, podemos sugerir que a lógica necropolítica relaciona-se ao negacionismo vacinal no Brasil durante a pandemia de Covid-19, em que o “estado de exceção” refere-se a pandemia; a “relação de inimizade” condiz à segregação, desigualdade social e ao racismo; e a “base normativa do direito de matar” à estrutura de poder baseada na lógica necropolítica. Mais especificamente, ao descaso, atraso e negacionismo das vacinas, proporcionados pelo governo brasileiro em sua máxima figura, o ex-presidente.

O contexto da Covid-19 no Brasil, portanto, contradiz narrativas divulgadas no início de 2020, nas quais se descrevia o coronavírus como um agente “democrático”, que desconheceria identidades raciais ou classes sociais. As estimativas numéricas, que sinalizam para a concretude de trajetórias precarizadas de acesso a equipamentos básicos à vida digna, indicam que os óbitos em maior proporção de negros e negras na pandemia se configuram mediante operações necropolíticas, nas quais dispositivos e tecnologias de governo interagem reiterada e seletivamente na efetivação de mortes acentuadas desses sujeitos (CASTRO, 2021).

Segundo esta pesquisadora, as estratégias governamentais apresentaram-se como ineficientes na contenção de mortes e a negociação das vacinas representou um desafio ético, uma vez que a produção científica se vislumbrou como oportunidade de barganha. Sem dúvida, mesmo o Brasil dispondo de tecnologia para posicionar-se na “linha de frente” na produção mundial de vacinas, as “limitadas estratégias” propostas ao Ministério da Saúde (CASTRO, 2021) e o negacionismo do ex-presidente da República concebem a lógica necropolítica dentro do *estado de exceção*.

Conclusão

Para Achille Mbembe, o termo necropolítica baseia-se na relação entre política e morte, em que as ações adotadas por determinado governo, em determinado contexto, gerenciam não somente a vida, mas também a morte. Ou seja, decisões tomadas por representantes da sociedade que orientam quem deve morrer e que propagam o risco de morte a uma parcela populacional, podem ser consideradas como Necropolítica.

Pode-se considerar que o negacionismo da Covid-19 está relacionado à necropolítica, uma vez que se fundamenta na negligência de medidas de prevenção e controle da doença, como visto no atraso vacinal e na minimização da gravidade do vírus da Covid-19.

A partir das reflexões acima, conclui-se que o negacionismo da Covid-19 propagado pelo ex-

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Presidente Jair Bolsonaro pode ser compreendido como uma forma de necropolítica e que a implicação de suas ações políticas, como no atraso do início das vacinas, contribuiu para o grande número de mortos pela Covid-19 no país. A relevância da análise aqui proposta é perceber que as segregações sociais, ideologias e preconceitos arraigados, como o racismo estrutural da população brasileira, são prejudiciais e repercutem em ações de representantes políticos, culminando em desigualdade e injustiça, apoiada na lógica da necropolítica. Ademais, a discussão aqui proposta se apresenta como instrumento na luta contra condutas necropolíticas em momentos de crise e, no limite, esperar que, em novas situações como a pandêmica, que vacinas não careçam de prioridade e a celeridade de contenção do vírus seja primordialmente visada com fim de amainar o risco de morte da população, sobretudo os segmentos em maior grau de vulnerabilidade.

Referências

BONTEMPO Valéria Lima. **Achille Mbembe**: A noção de necropolítica. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/24876>. Acesso em: 03 set. 2023.

CASTRO, Rosana. **Necropolítica e a corrida tecnológica**: notas sobre ensaios clínicos com vacinas contra o coronavírus no Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/zSJgZQVLxxF5cwZGYtLKZyS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2023.

COHN Amélia, Ana Paula Mascaro José. **Atraso na vacinação contra covid-19 no Brasil**: O descumprimento ao direito fundamental à saúde dos mais vulneráveis. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/lss/article/view/2959/2143>. Acesso em: 03 set. 2023.

FERNANDES Carla Carla Montuori, Luiz Ademir de Oliveira, Vinícius Borges Gomes, Fernando de Resende Chaves. **Negacionismo Científico**: análise da repercussão no Twitter acerca da vacina do COVID-19. 2021. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/10998>. Acesso em: 03 set. 2023.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LIMA, Marconi Moura de. **A não-vacina do Bolsonaro, a Necropolítica, o STF e o Necrodireito**. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/a-nao-vacina-do-bolsonaro-a-necropolitica-o-stf-e-o-necrodireito>. Acesso em: 7 ago 2023.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NECROPOLÍTICA. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SILVA Annita Ingrid Alves, Júlio Gomes de Siqueira. Célia Gomes de Siqueira. **Vacinas**: história, negacionismo, 'fake news' e a Covid-19 no Brasil hoje. 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47733>. Acesso em: 03 set. 2023.

USO emergencial das vacinas: linha do tempo na Anvisa. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/uso-emergencial-das-vacinas-linha-do-tempo-na-anvisa>. Acesso em: 21 abr. 2023.